

Tradução de metáfora: implicações da abordagem cognitiva¹

Metaphor and translation: some implications of a cognitive approach

Christina Schäffner²

Tradução: Luiz Felipe Lipert³

Revisão de tradução: Rozane R. Rebechi⁴

Revisão técnica: Leticia Presotto⁵

Resumo: Em Estudos de Tradução, a traduzibilidade das metáforas é uma questão recorrente, principalmente no que tange aos métodos de transferência de significado. Muito se discute sobre a possibilidade das metáforas se tornarem uma barreira no processo tradutório, uma vez que diferenças linguísticas e culturais podem dificultar a atividade de transferir uma língua e cultura para outra. Para lidar com essa questão, diversas estratégias de tradução já foram sugeridas: substituição (transformação de uma metáfora em outra); paráfrase (reformulação do sentido da metáfora); omissão, entre outras. Tais estratégias aparecem tanto nos modelos normativos de tradução (como traduzir metáforas) quanto nos modelos descritivos (como os tradutores lidam com metáforas). Após um breve panorama de como as metáforas são abordadas nos Estudos de Tradução, este artigo discute algumas implicações que a abordagem cognitiva sobre o assunto pode trazer para a prática e para as teorias de tradução. Exemplos de textos autênticos nas línguas de partida e chegada (discursos políticos em alemão e inglês) mostram como os tradutores lidaram com expressões metafóricas e que efeitos isso causou no texto, na recepção do texto e no desenrolar discursivo subsequente.

Palavras-chave: Metáfora conceitual; Inglês; Francês; Alemão; Expressão metafórica; Estudos de Tradução.

Abstract: Metaphor has been widely discussed within the discipline of Translation Studies, predominantly with respect to translatability and transfer methods. It has been argued that metaphors can become a translation problem, since transferring them from one language and culture to another one may be hampered by linguistic and cultural differences. A number of translation procedures for dealing with this problem have been suggested, e.g., substitution (metaphor into different metaphor), paraphrase (metaphor into sense), or deletion. Such procedures have been commented on both in normative models of translation (how to translate metaphors) and in descriptive models (how metaphors have been dealt with in actual translations). After a short overview of how metaphor has been dealt with in the discipline of Translation Studies, this paper discusses some implications of a cognitive approach to metaphors for translation theory and practice. Illustrations from authentic source and target texts (English and German, political discourse) show how translators handled metaphorical expressions, and what effects this had for the text itself, for text reception by the addressees, and for subsequent discursive developments.

Keywords: Conceptual metaphor; English; French; German; Metaphorical expression; Translation Studies.

¹ Artigo traduzido com a autorização da autora e da editora responsável pela publicação da versão em inglês, a partir do texto SCHÄFFNER, C. Metaphor and translation: some implications of a cognitive approach, *Journal of Pragmatics*, v. 36, p. 1253-1269, 2004.

² Professora Emérita, Aston University, Birmingham, Reino Unido, c.schaeffner@aston.ac.uk

³ Bacharelado em Letras — Português/Inglês e bolsista de Iniciação Científica em Semântica Cognitiva, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, lipertfelipe@gmail.com

⁴ Professora do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, rozane.rebechi@ufrgs.br

⁵ Professora de Linguagens da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), letipresotto@gmail.com

1. Introdução

Mecanismos linguísticos típicos da comunicação, as metáforas se apresentam como um desafio para a tradução, tanto para o tradutor praticante quanto para as discussões no campo dos Estudos de Tradução. Na literatura sobre tradução, dois tópicos parecem nortear as discussões sobre as metáforas: a traduzibilidade das metáforas e a elaboração de possíveis estratégias de tradução. Em geral, as argumentações são baseadas no fato de a metáfora ser tradicionalmente entendida como uma figura de linguagem, isto é, uma expressão linguística que substitui outra expressão (com um significado literal), cuja principal função é servir de recurso estilístico para embelezar o texto. O estudo das metáforas pelo viés da Linguística Cognitiva nos Estudos de Tradução é relativamente recente.

Com base em alguns exemplos do par de línguas inglês/alemão, este artigo pretende ilustrar o que a abordagem cognitiva pode oferecer à descrição das metáforas na tradução. A discussão provém principalmente da perspectiva dos Estudos de Tradução. Essa abordagem também possibilita explorar como uma perspectiva interlinguística e transcultural sobre tradução pode contribuir para as teorias sobre a metáfora.

2. A questão da metáfora como uma barreira para a tradução

As atividades de traduzir e interpretar existem há séculos. Logo, há uma longa tradição de pensamento e um vasto conjunto de hipóteses sobre a tradução (cf. DELISLE e WOODSWORTH, 1995; ROBINSON, 1997). Por outro lado, os Estudos de Tradução se estabeleceram enquanto disciplina independente apenas a partir da segunda metade do século XX (cf. HOLMES, 1988; SNELL-HORNBY *et al.*, 1992). Embora inicialmente concebidos como uma subdisciplina da linguística aplicada, os Estudos de Tradução adotaram conceitos e métodos de outras disciplinas, como a Linguística Textual, os Estudos em Comunicação, a Sociolinguística, a Psicolinguística, a Pragmática, a Literatura Comparada e, recentemente, os Estudos Culturais. Assim, em vez de uma teoria unificada, o que se observa é uma multiplicidade de abordagens que se concentram em aspectos específicos da tradução, examinam o produto ou o processo de tradução por ângulos diferentes, e usam terminologia e métodos de pesquisa próprios (cf. CHESTERMAN, 2000; GENTZLER, 1993; SCHÄFFNER, 1997b; STOLZE, 1994).

O fenômeno da metáfora é uma preocupação frequente entre os estudiosos de tradução que discutem sobre problemas de transferência de metáforas entre línguas e culturas. Contudo,

os argumentos que emergem dessas discussões precisam ser observados no contexto de uma disciplina heterogênea, isto é, levando-se em conta o modelo específico de tradução em que os estudiosos se apoiaram. Este artigo, portanto, parte de um breve panorama das abordagens mais importantes sobre tradução e apresenta um resumo de como as metáforas são tratadas nos Estudos de Tradução.

As abordagens de base linguística definem a tradução como uma transferência de significado, uma substituição de signos da língua-fonte (LF) por signos equivalentes na língua-alvo (LA) (ver, por exemplo, CATFORD, 1965). O texto-fonte (TF) deve ser reproduzido na LA de modo a se aproximar o máximo possível em conteúdo e forma. Como o objetivo das teorias de tradução é frequentemente entendido como uma tentativa de determinar métodos apropriados para melhor traduzir, os sistemas linguísticos (como *langues*) são estudados para que se identifiquem as menores unidades equivalentes (nos níveis lexical e gramatical) que podem ser substituídas uma pela outra em um texto autêntico (como *parole*).

Abordagens baseadas na Linguística Textual definem a tradução como a produção de um texto-alvo (TA) impulsionada pelo texto-fonte (NEUBERT, 1985). O texto em si é tratado como a unidade de tradução, enfatizando-se que ele existe em uma situação e em uma cultura. Portanto, é necessário considerar fatores situacionais, convenções de gênero ou de tipologia textual, conhecimentos e expectativas dos destinatários e a função do texto. A noção central de equivalência é aplicada ao nível textual e definida como equivalência comunicativa, ou seja, uma relação entre o texto-alvo e o texto-fonte em que TA e TF são de igual valor nas respectivas situações comunicativas em suas culturas.

As abordagens funcionalistas definem a tradução como uma atividade intencional (cf. NORD, 1997), como uma interação transcultural (HOLZ-MÄNTTÄRI, 1984), como a produção de um texto de chegada que é apropriado para seu objetivo específico (seu escopo), para destinatários específicos, em circunstâncias específicas (cf. Teoria do Escopo de Vermeer, VERMEER, 1996). A verdadeira forma do texto de chegada, sua composição linguístico-textual, depende do objetivo pretendido, e não (exclusivamente) da estrutura do texto de partida. O critério para avaliar a qualidade do texto de chegada é, portanto, a adequação ao seu objetivo, e não a sua equivalência ao texto de partida. Abordagens linguísticas mais modernas reconhecem que a tradução não é um simples processo de substituição, mas o resultado de uma atividade complexa de processamento de texto. No entanto, argumentam que as traduções precisam ser separadas dos demais tipos de textos que procedem de outros textos e que o rótulo “tradução” deve ser utilizado apenas nos casos em que uma relação de equivalência entre TF e TA é obtida (HOUSE, 1997; KOLLER, 1992).

A equivalência é provavelmente a noção mais polêmica dos Estudos de Tradução. Alguns estudiosos rejeitam completamente essa noção, argumentando que, ao manter o termo “equivalência” no vocabulário, os estudiosos de tradução fogem da questão de que “é a diferença, não a semelhança, a transparência ou a igualdade, que se inscreve nas operações de tradução”⁶⁷ (HERMANS, 1998, p. 61). Essa visão também aparece nas abordagens atuais, inspiradas nas teorias pós-modernas e nos Estudos Culturais, que argumentam que os textos não têm nenhum significado intrinsecamente estável que possa ser reproduzido (ver, por exemplo, ARROJO, 1998; VENUTI, 1995). Para Venuti, o texto-alvo deve ser “o local onde uma cultura distinta emerge, onde o leitor consegue vislumbrar um outro cultural”⁸ (VENUTI, 1995, p. 306).

No curso do seu desenvolvimento, o foco dos Estudos de Tradução mudou, significativamente, de fatores linguísticos para fatores contextuais e culturais que influenciam a tradução. Grandes inspirações para o desenvolvimento da disciplina também vieram de pesquisas realizadas no âmbito dos Estudos Descritivos de Tradução (EDT), com o objetivo de descrever o ato tradutório e as traduções “conforme se manifestam no mundo que experienciamos”⁹ (HOLMES, 1988, p. 71). Pesquisas nessa área incluem o estudo das condições sócio-históricas nas quais as traduções são produzidas e recebidas, identificando regularidades no comportamento dos tradutores e vinculando essas regularidades às normas de tradução que operam tanto no evento quanto no ato cognitivo de traduzir (cf. TOURY, 1995). Os EDT e as teorias pós-modernas definem a tradução como um comportamento governado por normas (TOURY, 1995) e/ou uma prática político-cultural (VENUTI, 1996, p. 197).

O contraste entre modelos normativos (como o TA deveria ser) e modelos descritivos (como o TA realmente é) também fica evidente nas discussões sobre a tradução de metáforas. A metáfora é tradicionalmente descrita como um fenômeno linguístico individual (uma expressão metafórica) que pode se transformar em uma barreira para a tradução. Muitos estudiosos usam os mesmos termos usados nas teorias semânticas (cf. GOATLY, 1997), isto é, termos como “imagem” (*image*) ou “veículo” (*vehicle*) são usados para o referente convencional; “objeto” (*object*) ou “tópico” (*topic*) para o referente não convencional; e “sentido” (*sense*), “base” (*ground*), ou “tom” (*tenor*) para as semelhanças e/ou analogias envolvidas. Newmark (1981) explica esses termos com base no exemplo *rooting out of the*

⁶ “it is difference, not sameness or transparency or equality, which is inscribed in the operations of translation”

⁷ N.T.: Todas as traduções de citações diretas são de minha autoria.

⁸ “the site where a different culture emerges, where a reader gets a glimpse of a cultural other”

⁹ “as they manifest themselves in the world of our experience”

faults [desenraizando os defeitos] da seguinte maneira: o objeto, isto é, o item descrito pela metáfora, é *faults* [defeitos]. A imagem, isto é, o item que evoca a descrição do objeto, é *rooting up weeds* [arrancando ervas daninhas]. A metáfora, ou seja, a(s) palavra(s) usada(s) na imagem, é *rooting out* [desenraizar] e o sentido, que mostra em quais aspectos particulares o objeto e a imagem são semelhantes, é (a) *eliminate* [eliminar]; e (b) *do so with tremendous personal effort* [fazê-lo com tamanho esforço pessoal]. Newmark argumenta que, ao traduzir essa metáfora, um verbo como *éliminer*, em francês, ou *entfernen*, em alemão, não funcionaria, “a menos que a frase fosse de importância secundária para o texto”¹⁰ (NEWMARK, 1981, p. 85).

Esses argumentos refletem as duas principais questões dos Estudos de Tradução: a traduzibilidade das metáforas e os procedimentos para transferi-las de uma língua para outra. Nas abordagens baseadas em equivalência, argumenta-se que, uma vez identificada, uma metáfora deve ser preferencialmente transferida intacta da LF para a LA. No entanto, diferenças culturais entre línguas são frequentemente mencionadas como motivos para a impossibilidade de tal transferência. Para Dagut (1976, p. 22), uma metáfora é um “vislumbre individual de uma percepção imaginativa”¹¹; um produto criativo que viola o sistema linguístico e, por isso, está altamente relacionada à cultura. Sua principal função é surpreender os leitores, criando um impacto estético. Na opinião do autor, o efeito de surpreender o leitor deve ser mantido na tradução e, se fatores linguísticos e culturais impedirem esse efeito, Dagut afirma que a metáfora não pode ser traduzida. Para ilustrar, Dagut usa metáforas hebraicas traduzidas para o inglês e mostra, por exemplo, como essas metáforas estão intimamente ligadas às histórias bíblicas e, portanto, são específicas daquela cultura.

A maioria dos autores concorda que a imagem no TF nem sempre pode ser mantida no TA (quando uma imagem associada à metáfora é desconhecida na LA, por exemplo, ou as associações desencadeadas pela metáfora na LF se perdem na LA). Assim, várias estratégias de tradução foram sugeridas como soluções alternativas à idealização de uma reprodução perfeita das metáforas. Van den Broeck (1981, p. 77), por exemplo, lista as seguintes estratégias:

1. Tradução “*sensu stricto*” (transferir o tom e o veículo da LF para a LA);
2. Substituição (substituir o veículo da LF por um veículo diferente na LA, cujo tom seja semelhante);
3. Paráfrase (recuperar uma metáfora da LF com uma expressão não metafórica na LA).

O autor apresenta essas estratégias de tradução de metáforas como um esquema

¹⁰ “*unless the phrase was of marginal importance in the text*”

¹¹ “*individual flash of imaginative insight*”

experimental, isto é, como possibilidades teóricas. Ao vinculá-las às categorias de metáforas (metáforas lexicalizadas, convencionalizadas e privadas) e ao seu uso e funções nos textos, Van den Broeck apresenta algumas hipóteses sobre traduzibilidade. Seguindo a tradição dos EDT, Van den Broeck entende que a tarefa de uma teoria de tradução não é prescrever como as metáforas devem ser traduzidas, mas descrever e explicar as soluções já identificadas. Ele argumenta, portanto, que estudos descritivos detalhados sobre como as metáforas são realmente traduzidas seriam necessários para testar tanto as estratégias oferecidas quanto as próprias hipóteses.

Em contraste com a abordagem descritiva de Van den Broeck, as estratégias de tradução de Newmark são apresentadas de forma prescritiva, com o objetivo de fornecer princípios, regras restritas e diretrizes para o traduzir e para a formação de tradutores. Newmark distingue as metáforas em cinco tipos: morta (*dead*), clichê, tradicional (*stock*), recente (*recent*) e original. Ao discutir sobre as metáforas tradicionais, ele propõe sete estratégias de tradução, bastante abordadas na literatura. Essas estratégias estão organizadas por ordem de preferência (NEWMARK, 1981, p. 87–91). O foco de Newmark está nos sistemas linguísticos, e sua argumentação está vinculada à teoria de substituição da metáfora (cf. GOATLY, 1997) (Os exemplos apresentados são utilizados por Newmark).

1. Reproduzir a mesma imagem na LA. Ex.: *golden hair* — *goldenes Haar*;
2. Substituir a imagem na LF por uma imagem padrão na LA, que se assemelhe à cultura da LF. Ex.: *other fish to fry* — *d'autres chats à fouetter*;
3. Traduzir a metáfora por símile, mantendo a imagem. Ex.: *Ces zones cryptuaire où s'élabore la beauté.* — *The crypt-like areas where beauty is manufactured.* Segundo Newmark, essa estratégia pode modificar o impacto da metáfora;
4. Traduzir a metáfora (ou símile) por símile + sentido (ou, eventualmente, por uma metáfora com sentidos múltiplos). Ex.: *tout un vocabulaire moliéresque* — *a whole repertoire of medical quackery such as Molière might have used.* Newmark sugere essa solução para evitar problemas de compreensão; no entanto, ela resulta na perda do efeito pretendido;
5. Converter metáfora em sentido. Ex.: *sein Brot verdienen* — *to earn one's living.* Esse procedimento é recomendado quando a imagem na LA tem sentido muito amplo ou não é apropriada para o registro. No entanto, aspectos emocionais podem se perder;
6. Omitir, se a metáfora for redundante;
7. Fazer uso da mesma metáfora combinada com o sentido, a fim de reforçar a imagem.

Toury (1995) afirma que essas estratégias de tradução partem da metáfora conforme identificada no TF e que essa metáfora (a expressão metafórica), uma vez identificada, é tratada como uma unidade de tradução. O autor argumenta que, da perspectiva do TA, dois casos adicionais podem ser identificados: o uso de uma metáfora no TA para uma expressão não metafórica no TF (não metáfora em metáfora) e a adição de uma metáfora no TA sem qualquer motivação linguística do TF (zero em metáfora). Essa perspectiva trata da metáfora não como um problema de tradução (do TF), mas como uma solução tradutória. Em seu estudo descritivo da tradução de metáforas verbais (para o par de línguas sueco e alemão), Kjær (1988) também incluiu uma análise inversa, mas não foi muito além da apresentação de resultados estatísticos. Os achados de Kurth (1995) também são provenientes de uma análise descritiva de traduções autênticas. Baseado na teoria interacional da metáfora (cf. GOATLY, 1997) e na semântica de frames aplicada à tradução (VANNEREM e SNELL-HORNBY, 1986), ele exemplifica como diversas metáforas interagem na construção de uma macrocena. Nas traduções para o alemão das obras de Charles Dickens, Kurth mostra quais frames da LA foram escolhidos para uma cena da LF (ex.: a “humanização” de objetos com metáforas antropomórficas) e quais são as consequências para o efeito do texto (por exemplo, o enfraquecimento de uma imagem).

3. A metáfora na perspectiva da linguística cognitiva: consequências para os Estudos de Tradução

A abordagem cognitiva sobre as metáforas, iniciada em grande parte por Lakoff e Johnson, no livro *Metaphors We Live By* (1980), também pode contribuir com uma nova perspectiva sobre o processo tradutório. Essa abordagem, contudo, está apenas começando a se estabelecer nos Estudos de Tradução (AL-HARRASI, 2001; CRISTOFOLI *et al.*, 1998; SCHÄFFNER, 1997a, 1998; STIENSTRA, 1993). A abordagem cognitiva postula principalmente que, muito mais do que meros elementos decorativos, as metáforas são recursos básicos para os processos cognitivos dos seres humanos. As metáforas são o meio pelo qual entendemos um domínio da experiência (um domínio-alvo) em termos de outro (um domínio-fonte). O domínio-fonte é mapeado no domínio-alvo, ou seja, transfere os componentes estruturais para o domínio-alvo (correspondências ontológicas), permitindo, assim, inferências e acarretamentos baseados em conhecimento (correspondências epistêmicas). Esse modelo é amplamente codificado e compreendido em termos linguísticos. Na linguística cognitiva, o termo ‘metáfora’ é usado para se referir ao mapeamento conceitual (por exemplo, RAIVA É O

CALOR DE UM FLUIDO EM UM CONTÊINER)¹², enquanto o termo ‘expressão metafórica’ é usado para se referir a uma expressão linguística isolada, baseada em uma conceitualização e, portanto, validada por um mapeamento (ex.: “*Estou fervendo de raiva*”).

Também é relevante para a tradução estabelecer a conceitualização em que uma expressão metafórica específica se baseia. A perspectiva da linguística cognitiva fornece uma resposta diferente para a questão da traduzibilidade das metáforas. A partir dessa abordagem, a traduzibilidade não é só mais uma questão que envolve apenas a expressão metafórica individual como identificada no TF, pois está relacionada aos sistemas conceituais das culturas envolvidas no processo de tradução. A seguir, apresentamos algumas implicações dessa abordagem na prática e na teoria de tradução. Com base em textos autênticos e suas traduções, pretende-se descrever como tradutores lidaram com expressões metafóricas e comentar os efeitos que as soluções encontradas causaram no texto traduzido e na sua recepção. Os exemplos foram extraídos de textos políticos e as línguas envolvidas são, principalmente, o inglês e o alemão. Assim, este artigo pretende descrever e explicar as soluções de tradução identificadas, estando, portanto, relacionado aos EDT. Contudo, diferente de Van den Broeck, por exemplo, não se pretende testar estratégias ou hipóteses de tradução pré-estabelecidas. O ponto de partida são as estruturas autênticas do TA e as expressões metafóricas equivalentes do TF. Ou seja, a descrição é predominantemente orientada para o produto, com explicações vinculadas ao texto, ao discurso e à cultura. Nas considerações finais, apresentamos possíveis contribuições da disciplina de Estudos de Tradução para as teorias sobre a metáfora.

4. A metáfora no texto

Considere os dois exemplos a seguir, em que uma mesma expressão metafórica no TF, em alemão, *Brücke* (ponte), foi tratada de maneiras diferentes nas traduções para o inglês (ambos os excertos são de discursos do ex-chanceler alemão Helmut Kohl):

- (1) *Wir wollen die **Brücke über den Atlantik** auf allen Gebieten—Politik und Wirtschaft, Wissenschaft und Kultur—festigen und ausbauen.*

¹² Nessa metáfora, as correspondências ontológicas são: “o recipiente é o corpo”, “o calor do fluido é a raiva”. As correspondências epistêmicas são: “quando um líquido é aquecido além de uma temperatura, a pressão aumenta até o ponto em que o recipiente explode” (fonte) e “quando a raiva passa dos limites, a pressão aumenta até o ponto em que a pessoa perde o controle” (cf. KÖVECSSES, 1986).

*We aim to strengthen and widen the **transatlantic bridge** in all spheres, in politics and commerce, science and culture.*¹³

(2) *So sind die amerikanischen Soldaten ein wichtiger Teil **der Freundschaftsbrücke über den Atlantik** geworden.* (literalmente: ... um componente importante da ponte transatlântica).

*The American forces in Germany are thus an important component of **transatlantic friendship**.*
(grifos da autora)

Como (se é que é possível) estratégias de tradução tradicionais podem explicar essas diferentes soluções? Se aplicarmos as estratégias de Newmark, poderíamos dizer que, no exemplo (1), a estratégia usada foi a tradução metáfora por metáfora (ou seja, uma reprodução da imagem), enquanto que no exemplo (2) a metáfora foi omitida. Esses excertos seriam exemplos do que Newmark denomina “textos oficiais” (*authoritative texts*), um gênero textual em que, segundo o autor, as metáforas devem ser preservadas. Como um critério para guiar as decisões do tradutor, Newmark indica o grau de importância da metáfora no texto.

O primeiro excerto foi extraído de um discurso de Kohl de fevereiro de 1998; o segundo, de seu discurso em uma cerimônia de comemoração pelo fim do Bloqueio de Berlim, em maio de 1998. O Bloqueio de Berlim é conhecido em alemão como *Luftbrücke* (literalmente: “ponte no ar”). No primeiro excerto, o 50º aniversário do fim do Bloqueio é brevemente mencionado, mas não é o tópico central. No segundo excerto, entretanto, o *Luftbrücke* é o tópico central e, por ser usado com frequência, contribui para a estrutura do texto. Em tese, com base nessas considerações, a recomendação de Newmark seria: traduzir metáfora por metáfora, no exemplo (1), e metáfora por sentido, no exemplo (2). Entretanto, se descrevermos esses exemplos a partir da abordagem cognitiva, expressões metafóricas como *Brücke* seriam consideradas “à luz do conceito metafórico do qual são manifestações, e não como expressões individuais a serem ajustadas no texto de chegada como for possível”¹⁴ (STIENSTRA, 1993, p.217). Nesse caso, entende-se que o mesmo evento histórico foi conceitualizado de maneiras diferentes, por culturas diferentes, usando metáforas diferentes. O domínio-fonte do inglês *airlift* é o domínio TRANSPORTE, com foco no meio de transporte (aéreo), na ação, e envolvendo uma direção (de – para). No termo *Luftbrücke*, em alemão, o domínio-fonte é uma ESTRUTURA ARQUITETÔNICA, com foco no meio de transporte e no objeto físico. Como mencionado acima, *Luftbrücke* foi o tópico central do discurso de Kohl de maio de 1998; mas seria *bridge* realmente a metáfora dominante no texto como um todo? Em outras palavras: qual é a metáfora

¹³ Tradutores normalmente não recebem créditos em traduções produzidas para o governo alemão.

¹⁴ “in the light of the metaphorical concept of which they are manifestations, and not as individual idioms to be fitted into the target text as well as they can”

conceitual subjacente atualizada pela expressão metafórica *Freundschaftsbrücke*?

Uma análise mais detalhada dos discursos de Kohl mostra que a argumentação se estrutura em torno da ideia central da amizade entre a Alemanha e os EUA. Nos cinco primeiros parágrafos, Kohl faz um relato do evento histórico e do seu significado político. O termo *Luftbrücke* ocorre seis vezes nesses primeiros parágrafos e é sempre traduzido como *Airlift*, uma vez que é usado como nome próprio. Kohl relaciona aspectos históricos ao desenvolvimento da amizade entre a Alemanha e os EUA nos últimos 50 anos, tanto em nível pessoal quanto governamental. É nessa parte que o ex-chanceler alemão usa o termo *Freundschaftsbrücke* (explorando a imagem da ponte como um recurso retórico da argumentação do discurso político):

[...] in den vergangenen Jahrzehnten haben rund 7 Millionen amerikanische Soldaten bei uns in Deutschland Dienst getan. Gemeinsam mit ihren Familien waren es etwa 15 Millionen Amerikaner, die fernab ihrer Heimat, ihren Beitrag zur Erhaltung von Frieden und Freiheit leisteten [...]. Im täglichen Kontakt mit ihren deutschen Nachbarn haben sie viele persönliche Beziehungen geknüpft. Diese wurden [...] eines der Fundamente der engen Freundschaft zwischen unseren Völkern. Es sind ja nicht zuletzt die alltäglichen Erfahrungen und Eindrücke, die persönlichen und menschlichen Begegnungen, die in diesen Jahrzehnten die deutsch-amerikanischen Beziehungen mit Leben erfüllt haben. So sind die amerikanischen Soldaten ein wichtiger Teil der Freundschaftsbrücke über den Atlantik geworden.¹⁵

O que podemos observar com essa análise é que o discurso de Kohl está estruturado em torno de um entendimento metafórico da amizade: dois países são amigos. Entender o Estado metaforicamente como uma pessoa que busca amizade envolve uma concepção metafórica de proximidade. Portanto, todas as referências no discurso de Kohl a *Kontakte, Beziehungen, Begegnungen* (*contacts, a dense network of personal ties, personal encounters*) podem ser descritas como expressões metafóricas que atualizam as metáforas conceituais O ESTADO É UMA PESSOA e INTIMIDADE É PROXIMIDADE (ver também os comentários de Gibbs sobre as metáforas primárias (GIBBS et al., 2004). Um dos meios que permite que amigos que vivem distantes se aproximem é uma ponte. Uma ponte liga dois pontos, nesse caso, os EUA e

¹⁵ A tradução oficial para o inglês desta passagem é a seguinte: “Over the past decades some seven million American servicemen have been stationed in Germany. Together with their families, that makes about 15 million Americans who, in this country far from home, have helped, [...] to safeguard peace and liberty. In their day-to-day contacts with Germans the American community here has built up a dense network of personal ties central to the close friendship between our two nations. It is not least this wealth of personal encounters, these everyday impressions and experiences which make German–American relations a meaningful part of daily life. The American forces in Germany are thus an important component of transatlantic friendship.”

a Alemanha (correspondência ontológica), proporcionando assim uma oportunidade para contato direto (correspondência epistêmica).

Adotando tal perspectiva conceitual, podemos dizer que traduzir *Freundschaftsbrücke* como *transatlantic friendship* não constitui realmente um caso de omissão de metáfora. As metáforas conceituais O ESTADO É UMA PESSOA e INTIMIDADE É PROXIMIDADE estão presentes no TF e no TA e são relevantes para a estrutura do texto e sua função geral como discurso político. No nível macro, as metáforas conceituais são idênticas no TF e no TA, embora no nível micro uma expressão metafórica específica no TF (*Freundschaftsbrücke*) não tenha sido traduzida exatamente da mesma maneira no TA. Contudo, o termo *transatlantic friendship*, no TA, também pode ser caracterizado como uma expressão metafórica, que atualiza linguisticamente as mesmas metáforas conceituais.

A partir da abordagem cognitiva, um primeiro aspecto das metáforas na tradução pode ser, portanto, descrito da seguinte forma: nem todas as manifestações individuais de uma metáfora conceitual em um texto de partida são recuperadas no texto de chegada usando a mesma expressão metafórica. Esse argumento vai ao encontro de uma das conclusões de Stienstra (1993). Com base em várias traduções da Bíblia para o inglês e o holandês, a autora explica que a metáfora conceitual JEOVÁ É O MARIDO DE SEU POVO, uma metáfora central do Antigo Testamento, foi preservada no nível macro, mesmo quando manifestações textuais específicas foram alteradas ou não explicadas em cada caso específico.

Há outro exemplo no discurso de Kohl de maio de 1998 que fornece *insights* sobre os usos estratégicos de metáforas e o seu tratamento na tradução. Ao elaborar sobre a parceria entre Alemanha e EUA no mundo de hoje e de amanhã, Kohl diz:

(3) *Unser Ziel, Herr Präsident, ist es, den Bau des **Hauses Europa** zu vollenden. Dabei wollen wir, daß unsere amerikanischen Freunde in diesem Haus auf Dauer ihre **feste Wohnung** haben.* (literalmente: [...] queremos que nossos amigos americanos tenham um apartamento permanente nesta residência.)

*Our goal is to complete the construction of the **European house**—with a permanent **right of residence** for our American friends—and enable the family of **European nations** to live together side by side in lasting peace.* (grifos da autora)

De uma perspectiva cognitiva, podemos dizer que as expressões metafóricas *Haus Europa*, *Haus* e *feste Wohnung* são todas atualizações da metáfora conceitual subjacente A EUROPA É UMA CASA, um exemplo de metáfora ontológica (LAKOFF e JOHNSON, 1980).

Enquanto que, no TF, os elementos estruturais foram lexicalizados, o TA tornou explícitos os acarretamentos do domínio-fonte; isto é, ter um apartamento garante o direito à moradia. Essas são correspondências epistêmicas. Tanto o TF quanto o TA permanecem dentro da metáfora conceitual de uma casa, e as informações adicionais no TA ("*and enable the family of European nations to live together side by side in lasting peace*") podem ser entendidas como outras atualizações da mesma metáfora, fornecendo também um vínculo conceitual com a metáfora INTIMIDADE É PROXIMIDADE, que estrutura o discurso de Kohl.

Identificar metáforas e descrever padrões do texto-alvo é um objetivo relevante para pesquisas em tradução. Em tempo, uma pergunta adicional diz respeito às causas e aos efeitos de traduções específicas (cf. CHESTERMAN, 1998). Isso será exemplificado a partir da retomada do termo *Haus Europa* e, posteriormente, com os comentários sobre os efeitos de uma proposta de tradução específica (*fester Kern—hard core*). Tal análise necessariamente considera o texto em seu contexto histórico, levando em conta sua função, seus destinatários etc. Assim, a metáfora não é mais um fenômeno de tradução de um texto em particular, mas se torna um fenômeno intertextual.

5. A metáfora como um fenômeno intertextual

A expressão metafórica *Haus Europa* se destacou no discurso de Helmut Kohl dos anos 1990, especificamente no que tange às questões da integração europeia. A metáfora da “casa europeia compartilhada” (*common European house*) foi introduzida no discurso político em meados da década de 1980, pelo então líder da União Soviética Mikhail Gorbachev. Refletindo o “novo pensamento político” do Partido Comunista liderado por Gorbachev, a metáfora conceitual A EUROPA É UMA CASA serviu para representar a ideia de união entre os países europeus a leste e oeste da Cortina de Ferro, vivendo e trabalhando juntos e coexistindo pacificamente. O esquema base da metáfora de Gorbachev era um bloco de apartamentos de vários andares com diversas entradas, nos quais diferentes famílias vivem, cada uma em seu próprio apartamento (ou seja, usava-se a ideia prototípica de ‘residência’ das grandes cidades russas). Em seu discurso, Gorbachev pouco elaborou sobre os elementos estruturais que compõem uma casa, mas enfatizou, com frequência, as regras e normas de convivência dessa “residência compartilhada”. As regras da casa devem garantir que todas as famílias possam viver suas próprias vidas, sem interferência de seus vizinhos, para que a residência compartilhada esteja protegida e se mantenha em ordem (cf. CHILTON, 1996; SCHÄFFNER, 1996).

A expressão metafórica *dom*, em russo, foi traduzida como *house*¹⁶ em inglês e como *Haus* no discurso político alemão que relatou as novas ideias e objetivos políticos de Gorbachev, que não eram prontamente bem-vindos nos países da Europa Ocidental. Porém, em vez de ser rejeitada, a metáfora A EUROPA É UMA CASA foi adotada e conceitualmente desafiada. No discurso político britânico (especialmente na segunda metade dos anos 1980), os aspectos estruturais dominavam a argumentação, determinada por características prototípicas do conceito de “casa” como entendido pelos ingleses: há referências a casas isoladas e geminadas, aos cercados que as separam e a questões como: quem deve morar em qual espaço, ou em qual andar.

Com o fim da Guerra Fria, a metáfora conceitual A EUROPA É UMA CASA perdeu forças, mas, especialmente no discurso político da Alemanha de Helmut Kohl, ainda era frequentemente usada para se referir à integração europeia. O conceito de “casa” que fica subentendido no discurso de Kohl de maio de 1998 é um bloco de apartamentos de vários andares, o que fica evidente na referência a *feste Wohnung*. A solução escolhida para o TA (ou seja, o uso de uma expressão que é um acarretamento da metáfora conceitual somada à elaboração de informações adicionais) pode refletir a consciência do tradutor de que essa metáfora não era muito familiar para o público estadunidense (os principais destinatários do TA), e a questão de que a ideia prototípica de “casa”, nos EUA, é uma habitação residencial unifamiliar.

Em relação à abordagem cognitiva, podemos dizer que esse exemplo elucidada o seguinte caso: componentes estruturais do esquema conceitual de base no TF (*feste Wohnung*) são substituídos no TA por expressões que explicitam inferências e acarretamentos baseados em conhecimento (*right of residence, family, live together*).

O sucesso ou fracasso pragmático de uma solução tradutória específica se torna óbvio no discurso político internacional. Uma perspectiva específica da tradução pode fornecer contribuição valiosa a esse respeito quando se permite mostrar como as metáforas são elaboradas no curso da comunicação intercultural, como consequência da tradução. Do ponto de vista da Análise Crítica do Discurso, Chilton e Ilyin (1993) estudaram o destino da metáfora da “casa europeia compartilhada” quando ela viaja entre diferentes culturas linguísticas e políticas e mostraram como o conceito de casa é prototipicamente conceitualizado de maneiras diferentes de uma cultura para outra.

A partir da perspectiva dos Estudos de Tradução, outro caso a ser observado é o

¹⁶ Em princípio, o termo *home* também foi empregado, mas, com o tempo, *house* se tornou a expressão dominante.

desenrolar da expressão metafórica *core Europe*. Essa expressão foi o tópico principal dos debates políticos altamente controversos da segunda metade do ano de 1994 que foram desencadeados por um documento alemão, produzido pelo grupo parlamentar constituído pela União Democrata-Cristã (CDU, na sigla em inglês) e pela União Social-Cristã (CSU, na sigla em inglês), criado por Wolfgang Schäuble (o líder parlamentar do CDU). No documento, o CDU/CSU alertou para o risco de a União Europeia (UE) se tornar um mero grupo disperso. À vista disso, defendia-se a formação de um grupo central com os países membros da UE que mantinham relações mais estreitas, os quais deveriam abrir o caminho para uma maior integração entre todos os países do bloco. Esse “grupo central” é mencionado no texto em alemão como *ein fester Kern*, conforme podemos observar abaixo:

(4) *Den festen Kern weiter festigen*

Daher muß sich ... der feste Kern von integrationsorientierten und kooperationswilligen Ländern, ... weiter festigen. Zu ihm gehören z. Zt. fünf bis sechs Länder.

Der Kern darf nicht abgeschlossen, muß hingegen für jedes Mitglied offen sein,

Der feste Kern hat die Aufgabe, den zentrifugalen Kräften in der immer größer werdenden Union ein starkes Zentrum entgegenzustellen ...¹⁷

O documento foi traduzido para o inglês por tradutores *in-house*, que atuavam na Alemanha, da seguinte forma:

(5) *Further strengthening the EU's hard core*

... that existing hard core of countries oriented to greater integration and closer cooperation must be further strengthened. At present, the core comprises five or six countries. This core must not be closed to other member states; ...

The task of the hard core is, by giving the Union a strong centre, to counteract the centrifugal forces ...¹⁸

A expressão *fester kern* deve (ou deveria) ser interpretada de maneira positiva no texto em alemão, sugerindo firmeza, sinceridade e integridade. A proposta alemã, contudo, foi recebida de forma negativa pelo governo britânico e pela mídia, reação causada pela — infeliz — escolha de traduzir *fester Kern* por *hard core* no texto em inglês. A escolha da expressão *hard core* mudou o tom do documento consideravelmente, permitindo uma tênue reformulação

¹⁷ CDU/CSU *Fraktion des Deutschen Bundestages, Überlegungen zur Europäischen Politik*, 1994, p.7

¹⁸ CDU/CSU *Fraktion des deutschen Bundestages, Reflections on European Policy*, 1994, p. 7; grifo da autora

do conceito de *fester Kern*, conforme publicado nos jornais britânicos de 1994. A saber, *hard core* associa-se a pessoas e coisas difíceis, imorais e incorrigíveis. Nos textos em inglês, o termo *core* (núcleo) serviu para descrever um grupo exclusivo, com ideias firmes e obstinadas sobre o futuro da União Europeia. A metáfora conceitual subjacente a esses textos é a metáfora do contêiner, ou seja, o grupo de países que formam (ou deveriam formar) o núcleo é conceitualizado como um contêiner e a argumentação está centrada normalmente nas ideias de inclusão e exclusão, estar dentro ou fora do núcleo (*core*), em posição central ou periférica; todas indicando a metáfora orientacional TER CONTROLE É ESTAR NO CENTRO.

Em parte, como reação às críticas da mídia internacional, no discurso político alemão a metáfora do núcleo (*the core*) como sendo a parte mais central de algum objeto foi expandida e passou a especificar esse objeto. O termo *Kern* foi usado em contextos que introduziram novas conceitualizações, novas metáforas conceituais (cf. SCHÄFFNER, 1997a). Argumentou-se, por exemplo, que falar sobre *core countries* levaria a um *Kernspaltung* da UE (uma “fissão nuclear”). Quando questionado sobre o fato de que *Kerneuropa* significaria que alguns países tomariam a iniciativa nos processos de tomada de decisão, deixando outros de fora, Schäuble vinculou sua ideia a outra metáfora: o ímã.

(6) *Wir haben immer das Bild des Magnetfelds gebraucht: Der Kern zieht an und stößt nicht ab.*
(*Der Spiegel*, fevereiro de 1996)

[Sempre usamos a imagem do campo magnético: o núcleo magnético atrai, não repele.]

Essa argumentação, no entanto, não pode ser justificada com base no documento do líder parlamentar alemão, pois o texto não carrega nenhuma referência, explícita ou implícita, a ímãs. O documento menciona como tarefa do “núcleo [...] neutralizar as forças centrífugas”¹⁹, mas o que acontece em uma centrífuga não pode realmente ser comparado a um campo magnético. Na tradução para o inglês, o tradutor considerou apenas a expressão metafórica (traduzindo a expressão metafórica por outra expressão metafórica). Como o próprio documento em alemão não evidenciou a metáfora conceitual subjacente, a consequência foi um debate acalorado, motivado por questões políticas, na Grã-Bretanha e na Alemanha, que acabou resultando na mudança de uma metáfora orientacional (TER CONTROLE É ESTAR NO CENTRO), por uma metáfora estrutural (A UE É UM ÍMÃ).

O ponto mais interessante para os Estudos de Tradução sobre esse acontecimento é que

¹⁹ “*hard core [...] to counteract the centrifugal forces*”

todo o debate, bem como a mudança conceitual, iniciou-se por conta de uma solução específica de tradução. Nesses casos, podemos falar da intertextualidade intercultural, em que uma metáfora passa a ser elaborada como resultado da comunicação intercultural e/ou da tradução. Ao estudar traduções autênticas e seus efeitos, os Estudos de Tradução também podem contribuir para pesquisas sobre os aspectos culturais das metáforas conceituais. Ou seja, a análise de textos voltada para as metáforas e para o raciocínio metafórico em diferentes línguas pode revelar possíveis diferenças culturais nas estruturas conceituais.

6. Metáfora e cultura

As diferenças culturais entre a língua-fonte e a língua-alvo, entre a cultura de partida e a cultura de chegada, costumam ser consideradas barreiras para a tradução de metáforas. Argumenta-se, por exemplo, que se uma metáfora ativar associações diferentes nas culturas envolvidas no processo, deve-se evitar uma tradução literal e optar por uma metáfora correspondente na LA, ou parafraseá-la. No entanto, se for preciso enfatizar a especificidade cultural do TF, melhor seria reproduzir a metáfora da LF e adicionar uma explicação, em uma nota de rodapé, ou por meio de comentários.

No que tange às especificidades culturais, a abordagem cognitiva sobre a metáfora também pode fornecer novas perspectivas para os Estudos de Tradução. Stienstra (1993) diferencia as metáforas entre: metáforas universais (*universal metaphors*), metáforas recorrentes em diferentes culturas (*culture-overlapping metaphors*) e metáforas específicas da cultura (*culture-specific metaphors*). A autora argumenta que grande parte das experiências humanas é universal, ou, pelo menos, compartilhada por várias culturas; portanto, não é a metáfora conceitual que depende da cultura, mas sim sua realização linguística²⁰.

Ao discutir os termos *Luftbrücke* e *airlift*, comentou-se que um mesmo evento histórico pode ser conceitualizado de maneiras diferentes por culturas²¹ distintas. No caso da *European house*, vimos diferentes interpretações específicas da cultura no nível do conceito prototípico; mas, em um nível mais abstrato, provavelmente há uma metáfora universal A CASA É UM CONTÊINER. No caso do *core Europe*, a polissemia do termo em alemão *Kern* deu margem à outra metáfora conceitual.

²⁰ Esse argumento também é apoiado por Yu (1998), com base em uma comparação entre metáforas provenientes do chinês e do inglês.

²¹ O termo “cultura” é usado no sentido de “paracultura”, referindo-se ao nível mais global das nações (cf. VERMEER, 1996, p. 3)

Para uma análise mais detalhada sobre metáforas universais, sobrepostas à cultura e específicas da cultura, a análise de textos traduzidos também pode ser útil. Uma fonte que pode ser interessante para análises empíricas são documentos multilíngues que emergem de processos de produções textuais que envolvem diversas negociações linguísticas (textos produzidos paralelamente em vários idiomas) e traduções. Como esses textos são aprovados e considerados igualmente autênticos, sua análise pode ajudar a esclarecer semelhanças e diferenças nas metáforas conceituais e/ou em suas realizações linguísticas.

Alguns documentos políticos que foram produzidos combinando produção e tradução, mais especificamente, os Manifestos para as eleições parlamentares europeias de 1994 e 1999, adotados pelo Partido Socialista Europeu (PES, na sigla em inglês) e pelo Partido Popular Europeu (EPP, na sigla em inglês), e o documento conjunto de Tony Blair e Gerhard Schroeder "*Europe: The Third Way/Die Neue Mitte*", de junho de 1999, já foram analisados. O que segue são alguns resultados iniciais, relevantes para estudos sobre metáfora (todos os grifos nos exemplos são da autora):

1. Uma metáfora conceitual comumente usada nos textos políticos em inglês e em alemão é uma metáfora de movimento (POLÍTICA É MOVIMENTO AO LONGO DE UM CAMINHO ATÉ UM DESTINO). Na realização linguística dos textos em inglês, essa metáfora é geralmente mais elaborada e combinada a um verbo, enquanto que, nos textos em alemão, isso não acontece necessariamente da mesma forma. Por exemplo:

(7) *There is still a **long way** to go to achieve this.*

*Bis dahin ist es noch **ein weiter Weg**.*

(Manifesto do PES de 1994; literalmente: ainda há um longo caminho até lá.)

2. As metáforas conceituais podem ser específicas de uma cultura em um nível mais concreto, mas recorrentes em diferentes culturas (ou mesmo universais) em um nível mais abstrato. Por exemplo:

(8) *unter dem **Dach** eines Europäischen Beschäftigungspaktes*

*under the **umbrella** of a European employment pact*

(documento conjunto de Blair e Schröder)

No exemplo acima, as palavras em negrito podem ser entendidas como expressões

metafóricas de uma metáfora conceitual mais geral ESTAR PROTEGIDO É ESTAR COBERTO.

No próximo exemplo, os três excertos de texto fazem referência a uma metáfora de movimento (*Schritt nach vorn getan*; *taken a step forward*; *faire un pas*). Contudo, o início de um novo projeto é conceitualizado como o início de uma construção no texto em inglês (*foundation stone*), enquanto que o texto em francês mantém a metáfora de movimento (*une étape sur la voie*) e o texto em alemão usa uma expressão mais geral (*Beginn*). Todas essas expressões metafóricas podem ser entendidas como realizações de uma metáfora conceitual mais abstrata PROGRESSO É CRESCIMENTO.

(9) *Mit der Einführung des EURO haben wir einen großen Schritt nach vorn getan [...] Die EVP sieht darin den Beginn eines neuen Projektes, [...]*

We have already taken a great step forward towards European integration by introducing the Single Currency. But the euro is [...] the foundation stone of what we intend to be a new era, [...]

Nous venons de faire un grand pas vers l'intégration européenne avec l'instauration de la monnaie unique. Mais l'euro [...] est une étape sur la voie d'une union politique, [...]

(Manifesto do PPE de 1999)

3. Diferentes perspectivas e/ou aspectos de uma metáfora conceitual em comum são explicitados nos textos, por exemplo:

(10) *Europa muß mit einer Stimme in der Welt sprechen.*

We must act as one on the international scene. —Nous devons parler d'une seule voix sur la scène internationale.

(Manifesto do PPE de 1999)

A metáfora conceitual em comum é A EUROPA É UMA PESSOA. O texto em alemão explicitou a ideia de "voz" (uma relação metonímica parte-todo proveniente de um acarretamento conceitual), o texto em inglês introduziu uma cena teatral, isto é, conceitualizou a pessoa como um ator²², e o texto em francês é uma combinação desses dois aspectos.

²² A especificação da PESSOA como ator pode ser descrita como uma implicatura e vinculada à especificação do mundo como teatro (A POLÍTICA MUNDIAL É UM TEATRO). Uma análise mais detalhada desse exemplo do ponto de vista dos Estudos de Tradução, que está fora do escopo deste trabalho, também precisaria vincular essa especificação à mudança de "Europa" por "nós".

4. Manifestações linguísticas diferentes apontam para conceitualizações diferentes, por exemplo:

(11) *Wir haben Werte, die den Bürgern wichtig sind [...] zu häufig zurückgestellt hinter universelles Sicherheitsstreben.* (literalmente: “colocar para trás” [...])

Values that are important to citizens [...] were too often subordinated to universal social safeguards.

(documento conjunto de Blair e Schröder)

O exemplo acima aponta para o fato de que a ideia de “importância” parece ser conceitualizada por metáforas orientacionais diferentes: IMPORTÂNCIA É ESTAR À FRENTE, em alemão, e IMPORTÂNCIA É PARA CIMA, em inglês. Porém, análises textuais mais aprofundadas são necessárias antes que se possa chegar a uma conclusão. No exemplo a seguir, as diferentes manifestações linguísticas refletem diferenças política e ideologicamente determinadas:

(12) *Der Staat muß die Beschäftigung aktiv fördern und nicht nur passiver Versorger der Opfer wirtschaftlichen Versagens sein.*

The state must become an active agent for employment, not merely the passive recipient of the casualties of economic failure.

(documento conjunto de Blair e Schröder)

O texto em alemão aponta para a metáfora conceitual O ESTADO É PAI (*Versorger*), enquanto que o texto em inglês reflete a metáfora conceitual O ESTADO É UMA REDE DE SEGURANÇA (*recipient*). Essa explicação considera as políticas tradicionais e os discursos intertextuais dos dois partidos políticos envolvidos. As funções pretendidas dos textos para seus respectivos destinatários também precisam ser levadas em consideração (para uma discussão mais detalhada, ver Schäffner, 2002). Análises subsequentes desses textos certamente revelariam mais sobre os aspectos culturais das metáforas.

7. Conclusão

Os poucos exemplos discutidos nesta análise evidenciaram que as culturas de partida e de chegada nem sempre empregam metáforas conceituais idênticas. Mudanças, especificações

ou diferenças identificadas em um TA, quando comparadas retrospectivamente ao TF, raramente podem ser caracterizadas como erros de tradução. Muito mais interessante é o fato de que traduções podem explicitar diferenças entre metáforas conceituais e/ou expressões metafóricas, podendo, inclusive, desencadear debates controversos na comunicação intercultural (como no caso de *core Europe*). Uma vez que uma metáfora alcança a discussão (política) internacional, ela pode sofrer alterações durante o processo de transferência de uma língua e cultura para outra. Assim, uma análise de textos, com foco nas metáforas e no raciocínio metafórico em diferentes línguas, pode revelar possíveis diferenças culturais nas estruturas conceituais.

A visão cognitiva sobre a metáfora fornece novos *insights* para os Estudos de Tradução. Essa abordagem mostra que as estratégias de tradução tradicionalmente sugeridas na literatura precisam ser reconsideradas, principalmente no que diz respeito à sua validade para lidar com as metáforas conceituais. Com base nos exemplos discutidos anteriormente, identificou-se o seguinte:

1. A metáfora conceitual é idêntica no TF e no TA no nível macro, sem que cada manifestação individual seja contabilizada no nível micro (como no exemplo de *bridge*);
2. Componentes estruturais do esquema conceitual de base no TF são substituídos no TA por expressões que explicitam acarretamentos (exemplo de *apartment*);
3. A metáfora é mais elaborada no TA (exemplo de *movement*);
4. TF e TA empregam expressões metafóricas diferentes que podem ser combinações de uma metáfora conceitual mais abstrata (exemplo de *roof-umbrella*);
5. A expressão no TA reflete um aspecto diferente da metáfora conceitual (exemplo de *a person as an actor*).

Essas cinco considerações não devem ser transformadas em estratégias de tradução e oferecidas aos tradutores como soluções prontas, dizendo-lhes como traduzir uma metáfora específica, nesse caso conceitual, em um texto. São apenas dados observados, resultantes de uma análise comparativa entre textos-fonte e textos-alvo e do seu desenvolvimento subsequente no discurso político intercultural. Talvez elas possam ser candidatas a possíveis estratégias de tradução, mas seriam necessárias análises mais aprofundadas, com base em um *corpus* maior, antes que se pudessem formular hipóteses apropriadas. Tais análises também nos permitiriam testar até que ponto a visão cognitiva sobre a metáfora de Lakoff e Johnson pode explicar o que

se observa sobre a tradução²³, ou se outras perspectivas teóricas podem ser igualmente adequadas, ou até mais relevantes.

Cada vez mais, os Estudos de Tradução são entendidos como uma disciplina empírica que tem como objetivos descrever traduções (tanto como produtos quanto processos), explicar o motivo pelo qual os tradutores agem de certas maneiras e produzem textos-alvo específicos e avaliar os efeitos das traduções. Ao descrever as estratégias adotadas pelos tradutores para lidar com metáforas e ao explicar os efeitos que determinada solução específica teve sobre os leitores e as culturas (ou prever seus possíveis efeitos), a disciplina de Estudos de Tradução pode fornecer uma contribuição valiosa para o estudo das metáforas.

Referências:

AL-HARRISI, A. **Metaphor in (Arabic-into-English) translation, with specific reference to metaphorical concepts and expressions in political discourse**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Aston University, Birmingham, 2001.

ARROJO, Rosemary. The revision of the traditional gap between theory and practice and the empowerment of translation in postmodern times. **The Translator**, Manchester, v. 4, n. 1, p. 25–48, 1998.

CATFORD, John C. **A Linguistic Theory of Translation**. Londres: Oxford University Press, 1965.

CHESTERMAN, Andrew. Causes, translations, effects. **Target**, v. 10, p. 201–230, 1998.

CHESTERMAN, Andrew. A causal model for Translation Studies. In: OLOHAN, M. (ed.), **Intercultural Faultlines**. St. Jerome, Manchester, p. 15–27, 2000.

CHILTON, Paul. **Security Metaphors: old War Discourse from Containment to Common House**. Nova Iorque: Peter Lang, 1996.

CHILTON, Paul; ILYIN, Mikhail. Metaphor in political discourse: the case of the ‘common European house’. **Discourse & Society**, v. 4, p. 7–31, 1993.

CRISTOFOLI, Mirella; DYBERG, Gunhild; STAGE, Lilian. Metaphor, meaning and translation. **Hermes, Journal of Linguistics**, v. 20, p. 165–179, 1998.

DAGUT, Menachem. Can ‘metaphor’ be translated? **Babel**, v. 22, p. 21–33, 1976.

²³ Por exemplo, casos como os seguintes, citados em um discurso do chanceler alemão Gerhard Schroöder (novembro de 1999), podem contribuir para testar a hipótese da invariância (LAKOFF, 1990) da perspectiva da tradução: “[...] *haben jene Entwicklung ermöglicht*. —[...] *made possible the course of events*”. Aqui, a metáfora conceitual é DESENVOLVIMENTO É MOVIMENTO AO LONGO DE UM CAMINHO; o domínio-alvo é explícito no TF, enquanto que o domínio-fonte é explícito no TA.

DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith (eds.). **Translators through History**. Amsterdã: John Benjamins, 1995.

GENTZLER, Edwin. **Contemporary Translation Theories**. Londres: Routledge, 1993.

GIBBS, Raymond; LIMA, Paula Lenz Costa; FRANCOZO, Edson. Metaphor is grounded in embodied experience. **Journal of Pragmatics**, v. 36, p. 1189–1210, 2004.

GOATLY, Andrew. **The Language of Metaphors**. Londres: Routledge, 1997.

HERMANS, Theo. Translation and normativity. **Current Issues in Language and Society**, v. 5, p. 50–71, 1998.

HOLMES, James. **Translated!** Papers on Literary Translation and Translation Studies. Amsterdã: Rodopi, 1988.

HOLZ-MÄNTTÄRI, Justa. **Translatorisches Handeln: Theorie und Methode**. Helsinki: Suomalainen Tiedeakatemia, 1984.

HOUSE, Juliane. **Translation Quality Assessment: A Model Revisited**. Tübingen: Narr, 1997.

KJÄR, Uwe. Der Schrank seufzt: Metaphern im Bereich des Verbs und ihre Übersetzung. **Revue belge de philologie et d'histoire**, v. 72, n. 3, p. 657–662, 1988.

KOLLER, Werner. **Einführung in die Übersetzungswissenschaft**. Heidelberg: Quelle & Meyer, 1992.

KÖVECSES, Zoltan. **Metaphors of Anger, Pride, and Love: A Lexical Approach to the Structure of Concepts**. Amsterdã: John Benjamins, 1986.

KURTH, Ernst-Norbert. **Metaphernübersetzung: Dargestellt an grotesken Metaphern im Frühwerk Charles Dickens in der Wiedergabe deutscher Übersetzungen**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1995.

LAKOFF, George. The invariance hypothesis. Is abstract reason based on image-schemas? **Cognitive Linguistics**, v. 1, p. 39–74, 1990.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors We Live By**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

NEUBERT, Albrecht. **Text and Translation** (Übersetzungswissenschaftliche Beiträge 8). Leipzig: Enzyklopädie, 1985.

NEWMARK, Peter. **Approaches to Translation**. Oxford: Pergamon Press, 1981.

NORD, Christiane. **Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained**. Manchester: St. Jerome, 1997.

- ROBINSON, Douglas. **Western Translation Theory from Herodotus to Nietzsche**. Manchester: St. Jerome, 1997.
- SCHÄFFNER, Christina. Building a European house? Or at two speeds into a dead end? Metaphors in the debate on the united Europe. *In*: MUSOLFF, A.; SCHÄFFNER, C.; TOWNSON, M. (eds.), **Conceiving of Europe: Diversity in Unity**. Aldershot: Dartmouth, 1996, p. 31–59.
- SCHÄFFNER, Christina. Metaphor and interdisciplinary analysis. **Journal of Area Studies**, v. 11, p. 57–72, 1997a.
- SCHÄFFNER, Christina. Translation Studies. *In*: VERSCHUEREN, J., ÖSTMAN, J.-O., BLOMMAERT, J., BULCAE, C. (eds.), **Handbook of Pragmatics**. Amsterdã: John Benjamins, p. 1–17, 1997b.
- SCHÄFFNER, Christina. Metaphern. *In*: SNELL-HORNBY, M., et al. (eds.), **Handbuch Translation**. Tübinga: Stauffenburg, p. 280–285, 1998.
- SCHÄFFNER, Christina. Third Ways and New Centres—Ideological unity or difference? *In*: CALDAZA PÉREZ, M. (ed.), **Apropos of Ideology. Translation Studies on Ideology—Ideologies in Translation Studies**. Manchester: St. Jerome, p. 23–41, 2002.
- SNELL-HORNBY, Mary; PÖCHHACKER, Franz; KAINDL, Klaus (eds.). **Translation Studies: An Interdiscipline**. Amsterdã: John Benjamins, 1992.
- STIENSTRA, Nelly. **YHWH is the Husband of His People: Analysis of a Biblical Metaphor with Special Reference to Translation**. Kampen: Kok Pharos, 1993.
- STOLZE, Radegundis. **Übersetzungstheorien: Eine Einführung**. Tübinga: Narr, 1994.
- TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdã: John Benjamins, 1995.
- VAN DEN BROECK, Raymond. The limits of translatability exemplified by metaphor translation. **Poetics Today**, v. 2, p. 73–87, 1981.
- VANNEREM, Mia; SNELL-HORNBY, Mary. Die Szene hinter dem Text: “scenes-and frames-semantics” in der Übersetzung. *In*: SNELL-HORNBY, M. (ed.), **Übersetzungswissenschaft: Eine Neuorientierung**. Tübinga: Francke, 1986, p. 184–205.
- VENUTI, Lawrence. **The Translator’s Invisibility**. Londres: Routledge, 1995.
- VENUTI, Lawrence. Translation as a social practice: or, the violence of translation. *In*: GADDIS ROSE, M. (ed.), **Translation Horizons: Beyond the Boundaries of Translation Spectrum**. New York: Binghamton, Center for Research in Translation, 1996. p. 195–213.
- VERMEER, Hans J. **A Skopos Theory of Translation (Some Arguments For and Against)**. Heidelberg: TEXTconTEXT, 1996.



YU, Ning. **The Contemporary Theory of Metaphor: A Perspective from Chinese.**
Amsterdã: John Benjamins, 1998.